

24

*(Faint bleed-through text and numbers)*

**A INGLATERRA  
E SEOS TRACTADOS.**

157

A INGLATERRA  
DE S. FRANCISCO

A INGLATERRA  
E SEOS TRACTADOS.  
MEMORIA,

Na qual previamente se demonstra que a Inglaterra não tem sido leal até o presente no cumprimento de seos tractados com as nações com quem se tem relacionado; e o Brazil, com a experiencia propria, não deve assignar jamais tractado algum de commercio com a Inglaterra, ou ratificar o mesmo que teve embora com vantagens, apparentes, por não convir á seos interesses. Porém se á isto fôr obrigado, o que não cremos, seja de modo que o commercio se liberte dos grillhões da Inglaterra por meio de leis protectoras; e lembrando-se sempre que aquella só o que exige em tractados é a firma da nação para a seos salvo tirar proveito em seos favor.

OFFERECIDA

AOS SRS. DEPUTADOS GERAES DA FUCTURA  
SECÇÃO LEGISLATIVA DE 1845.

PELO

*Dr. A. J. Mello Moraes.*

---

Eu desta gloria só fico contente  
Que a minha terra ame e a minha gente  
ANTONIO FERREIRA.—P. L.

---

1238

—

BARRIA,

TYP. DO CORREIO MERCANTIL DE F. VIANNA & COMP,  
RUA do Gopo Santo n. 1.  
1844.

A INGLATERRA

EM 1840

REPUBLICA

Em 1840, o governo da Inglaterra, por meio de uma lei, estabeleceu a Typographia do Correio Mercantil, com o intuito de facilitar a comunicação e a distribuição de correspondência e documentos oficiais. Esta instituição foi criada para atender às necessidades do comércio e da administração pública, garantindo a rapidez e a segurança na entrega de cartas e papéis. A Typographia do Correio Mercantil tornou-se uma das principais instituições de comunicação da época, desempenhando um papel fundamental na organização e no funcionamento do sistema postal britânico.

TYPOGRAPHIA DO CORREIO MERCANTIL.

OS DEPARTAMENTOS DE REVENHA  
E DE JUSTIÇA

1840

DEPARTAMENTO DE REVENHA

Em 1840, o governo da Inglaterra, por meio de uma lei, estabeleceu a Typographia do Correio Mercantil, com o intuito de facilitar a comunicação e a distribuição de correspondência e documentos oficiais. Esta instituição foi criada para atender às necessidades do comércio e da administração pública, garantindo a rapidez e a segurança na entrega de cartas e papéis. A Typographia do Correio Mercantil tornou-se uma das principais instituições de comunicação da época, desempenhando um papel fundamental na organização e no funcionamento do sistema postal britânico.

1840

DEPARTAMENTO DE REVENHA

1840

## Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.

*A sorte futura do Imperio de Santa Cruz está em vossas Mãos. A Nação confia em vossa Sabedoria. Um tractado de commercio com uma Nação Poderosa, quando não é pezado na balança das conveniencias, traz a ruína vital d'um povo inteiro; e a sequencia das ruínas, é sempre as maldições da posteridade. Possa o Brazil com a acertada Escolha que fez marcar em diamantina pedra, e com caracteres de oiro, o seguinte:—A Assembléa Geral Legislativa de 1845 marcou para o Brazil uma nova Era, porque libertou o commercio, e promulgou Leis sabias, para um systema altamente Protector. Se isto conseguirmos tercis as Bênçãos da Patria.*

*Alexandre José de MELLO MORAES.*

Argumentos e Dignissimos Senhores  
os Representantes da Nação

A este futuro do Imperio de Santa Cruz mil e  
vinte e seis. A esta copia em nome de  
tracado de commercio com uma Nação  
quando não se pede ao Estado das  
tres e duas mil e seiscentos e setenta e  
dois mil e setenta e sete mil e setenta e  
do e Brasil com a corte de Lisboa que se  
distribuição de terra e com o objecto de  
ter — A Assembleia Geral Legislativa de  
para o Brasil uma nova Lei porque  
neste e promulgou esta Lei em  
humano Protector. Se isto conseguisse  
Paris de Paris.

Recorrido por de NELLO MORAES.

## MEMORIA.

Numquam est fidelis cum potente sociatus.

*Placid. F, G.*

---

Fertil de acontecimentos extraordinarios tem sido estes ultimos tempos, e no meio de tantas calamidades um *pensamento* bem serio occupa actualmente a attenção de quaze toda a Europa, e a America do Norte; e é este *pensamento* que deve occupar taõbem a attenção de todos os Brasileiros: porque se o *interesse* alheio, muitas vezes nos toca de perto, o que diremos á respeito do *proprio*, que devemos ter muito em vistas. E' o *pensamento* sobre quem se concentra a attenção das nações,—O *Tractado de Commercio* entre a Inglaterra, e o Brazil. Findo está o *tempo*, em que o Brazil *agrilhado* por um tractado com a Inglaterra tem soffrido não só calamidades em seu *commercio*, como insultos em suas praias, que até os seus navios, violão a policia dos portos, sendo o pavilhão Brazileiro uma bandeira de nulidade, para os Ingleses, que se suppoem hoje com o direito dos mares; e é tempo taõbem de cuidarmos melhor dos nossos *interesses*, á ver se podemos com a ardua experiencia do passado, e os males presentes, remediar o que nos aguarda o futuro! E que futuro tão

ameaçador ! Senão tivéssemos ante os olhos a historia das nações, e muito particularmente a de Portugal, só nos levaria a desconfiança de qualquer convenção entre as duas potencias, á desigualdade nas forças do Brazil, para a Inglaterra; porque neste cazo prevalecendo o direito do mais forte, não se poderia medir em forças cazo não se cumprissem os tractados. Porém como temos passado em revista os factos que nos tem conservado a historia, taõbem temos visto, que a Inglaterra não tem sido *leal* em seus tractados com (1) as nações com quem se tem relacio-

(1) O monstro da avareza feroz do governo britanico, apresentou se no Conselho de S. James; vinha acompanhado das sombras sinistras de *Bédford*, de *Cromwell*, de *Chatham* e de *Pitt*. Um mappamundi estava aberto diante dos ministros; ali está, lhes disse elle, a extensão do meo imperio: eis-aqui as maximas da minha politica.

«A Italia não estenderá mais o seo commercio, ja tão limitado; a Hespanha não melhorará o seo, ja tão debilitado.»

«A Hollanda será despojada da pesca, que a torna muito poderosa. O Portugal será cultivado para mim só.»

«A Dinamarca, e a Suecia se limitarão ao seo commercio interior. O Baltico será guardado pela Russia a meo proveito; e o povo Russo não será senão meo marinheiro auxiliar, ou meo factor commerciante.»

«A Austria não se aproximará jamais do Oceano; e a Prussia se verá sempre distrahida por guerras continentaes, e subsidios Britanicos.»

«A Polonia que poderia, com o tempo, figurar no Baltico e no Mar Negro, e ser dentro em poucos annos no Norte, o que a França he no Sul, desapparecerá do qua-



nado; e sem hirmos mais longe temos os exemplos em Portugal, e o *proprio*.

Quando a Inglaterra nada era no mundo politi-

dro das nações. Com tudo a Tartaria será minha auxlliar secreta na parte mais remota da Asia, até que estejam forjadas as cadeias do Sul, e as minhas allianças militares do Norte, consolidadas.»

«Na expectativa d'esta grande revolução que eu organiso surdamente. e as minhas companhias de Commercio me assegurarão as minas do *Brazil*. As minhas cabalas me darão a inteira possessão do *Mexico* e do *Perú*. de que me fazem gozar, d'ante-mão, os meos tractados e as minhas esquadras. As minhas ninharias me assegurarão os escalpelos dos Selvagens da America septentrional contra os Americanos. As minhas intrigas me fazem monopolisar o commercio dos Estados Unidos, e dirigir sua politica incerta.

Eu estou na posse da navegação do Missisipi; a mim só e a mais ninguem, pertencem as pelleterias do Canadá, commercio da Acadia e de Hudson. Eu occupo todas as pescarias da Terra Nova para formar grandes rendas, e numerosos marinheiros. Eu estendo o meo poder, até aos gélos da *Groentland*, da mesma maneira que sobre as agoas do *Arcangel*.»

«A Africa occidental não conhece senão os meos agentes, e nenhuma outra bandeira além da minha; eu troco quasi exclusivamante vidros e facas por tribus d'homens. Eu tenho formado debaixo d'uma apparencia de philantropia, estabelecimentos mercantis em Serra Leão e Buzama. Eu não fiz senão aproximar-me, com mais segurança, ás Canárias, e ao Cabo Verde para unil os ao meo império quando a occasião se apresentar.»

«A Africa septentrional me provê de Corsarios para ajudar a minha tyrannia; e se eu abrigo em Gibraltar e

co, e que vivia de pescar em suas praias, para com o seo producto comprar o pão com que se alimentava, e o pano para lhe abrigar do frio, ja fazia al-

Centa os piratas de Marrocos, elles me serviraõ para por os estervos na perigos, que intento, ao Commercio das outras nações »

«Eu domino a Asia; o Indostão só a mim abre os seus thesouros; o Megol não conhece outro Europeo nas suas provincias; os mares do Sul não são sulcados senão pelos meos navios »

«Desde o Cabo da Boa Esperança, domino as ilhas de França e da Reunião: as produções e os portos de Ceilão são meos, e me assegurão o imperio exclusivo do Gulpho de Bengala. Ali eu incenso os Nabas com uma mão e degolo os seus povos com a outra; ali todas as artes da Asia florescem, e me pagão por tributos todos os productos da sua industria. Uma companhia Britanica, uma guarnição e um governador me são responsaveis por todos estes ricos paizes »

«Tal he a minha dominação sobre os Continentes; a minha mariuha insular os abraça, os rodea por todas as partes em quanto a minha politica vigilante, vela sobre elles, os opprime e os contém.»

«O meo imperio sobre os mares ainda he mais bem combinado, e mais solido. A minha navegação, a mais extensa que existio jamais, abarca ambos os hemispherios. Não ha uma Ilha, não ha um Cabo, não ha parte alguma do Globo que escape aos seus progressos, ás suas descobertas, e á sua dominação. He uma cadeia maritima que preza por uma extremidade ao Polo Antartico, e confiada a outra á sociedade de descobrimentos, se estende até ao Polo Artico, para submeter me novos Continentes com a Nova Guineia, a Nova Hollanda, e as ilhas do mar do Sul.»

(*Liberdade dos Mares* L. 3 p. 74 cap. 22.)

gumas tentativas logradadeiras para experiencia; de sorte que entrando em Portugal como alliada o seo comportamento foi tal, que os Portuguezes sem demora se virão na dura precisão de lançar fóra de seo terreno tudo quanto era Inglez; reinando D. Fernando (1372) filho de D. Pedro 1.º (o Tito Portuguez) e este de Affonso 4.º

Lancemos agora por um pouco os olhos, para a *chronica* dos *prejuizos* de Portugal, e veremos que a unica nação, que mais incommodos e prejuizos lhe tem dado, com o speciozo titulo de *amiga e allizada* tem sido a Inglaterra.

As diversas calamidades politicas porque passou Portugal, e as suas desavenças com a Hespanha, o tornou dependente e para sempre, do gabinete Britanico; de sorte que invejando a Inglaterra as glorias daquelle poderoso reino, ganhadas com tantas fadigas, desalentos e sustos, a quem, e além cabo das Tormentas, levou a Carlos 1.º a propor a D. João 4.º o *tractado* de 29 de Janeiro de 1642. Neste tractado de eterna vergonha para Portugal, se vê a malicioza Inglaterra encher a avida—*bocca*,—de reciproca—*amizade*;—(2) e em 21 artigos só forão observados os que de nada aproveitava á Portugal. E' notavel ler o artigo 3.º, no que diz respeito á igualdade do tractamento, entre os subditos das duas nações, que devendo haver *reciprocidade*, um cidadão Portuguez nada valia em Inglaterra, em compa-

(2) Sentimento que desconheço, e destonheço a Inglaterra para com as nações, e mesmo para com aquella com quem tem tractados de estreita, e reciproca amizade.

ração a outro, de nação estranha: em Portugal ao contrario, um inglez era considerado um individuo, que gozava toda a protecção, e amizade de suas leis. Em consequencia da mudança da politica em Inglaterra, foi decapitado Carlos 1.º, e em seu lugar posto Cronwel, com o titulo de *protector da Republica*; e não havendo mudança, e nem outra coisa no tractado, soffreo Portugal o maior dos *insultos*; que foi o Almirante Black apresentar-se em pleno dia bloqueando a foz do Tejo, para exigir de Portugal a entrega dos Principes Mauricio e Roberto, (*patinos*) que se tinham involvido na revolução, e por parte do rei, e que tinham procurado o azilo e a protecção de Portugal; e como este recuzou entregal-os (*por ser a honra da palavra* o caracter da Nação Portugueza) soffreo, que o dito Almirante lhe roubasse 15 navios, carregados de oiro e preciosidades Brazileiras, que entravão para Lisboa.

Antes quiz Portugal soffrer esta ladroeira dos Inglezes, do que faltar a sua palavra e boa fé. Vejamos agora o que succedeo, por este rasgo de inaudicia philanthropia da nação Portugueza, com a nascente republica Cronweliana. Cronwel, magoado, assentou dar um golpe em Portugal; e o fez, propondo ao mesmo D. João 4.º outro tractado, que foi concluido á 10 de Julho de 1654 composto de 28 artigos, e um a que chamou secreto. Em attenção á recusa da entrega dos dois principes foi prohibido o azilo dos criminosos nos dois paizes, e ao mesmo tempo criando o governo Inglez um juiz conservador para seus subditos, e não podendo ser prezo Inglez algum pela authoridade territorial, sem ordem

expressa de seo juiz conservador; salvo em flagrante delicto. Outro sim de poderem não só commerciarlivremente em Portugal como o mesmo fazerem parao Brazil, Asia e Africa. (3) Não poderem os Portuguezes fretar navios de outra nação em quanto os podessem haver dos Inglezes; somente sendo exceptuada a companhia do Brazil, pelo privilegio, que então gozava. No artigo secreto *manga completamente* com o governo Portuguez, no que diz respeito ao commercio; e vem a ser:—que todas as fazendas e mercadorias inglezas, embora fossem mui favoravelmente avaliadas, nunca pagarião mais de vinte tres por cento; não acontecendo o mesmo com as portuguezas, que ficarião pagando os direitos uzados em Inglaterra, segundo o costume e leis do paiz. Mortos Cronwel e D. João 4.<sup>o</sup> succedeo-lhe D. Affonso 6.<sup>o</sup> seo filho, e na regencia do reino, sua mãe, a rainha D. Luiza que de communidade com os seos dois ministros D. Francisco de Faro (Conde d'Oldemira) e D. Antonio Luiz de Menezes (Conde de Castanheda), tentou uma nova alliança com a Inglaterra, não se lembrando do muito que tinha soffrido Portugal, á ver se fiada em sua amizade se podia sus-

(3) Na verdade o Governo Britanico tem realisado ja uma parte d'este vasto projecto da deminação insular: tem colonisado o Continente da India desde Bengala; o da Africa desde a Serra Leoa; o da America desde o Canadá; e o da Europa desde Portugal. Tem colonisado todos estes Continentes em beneficio de uma só Ilha; a Britania! Que horriveis e funestas são as terriveis consequencias de semelhante poder contra a natureza ! ! !

(L. dos M. L. 3, cap. 6 p. 23.)

tentar; e para melhor confiar cazou sua filha a Infanta D. Catharina com Carlos 2.º rei de Inglaterra e filho do infeliz Carlos 1.º levando de dote *dois milhões de cruzados*, além da ractificação dos tractados precedentes, deo livremente Portugal á Inglaterra a possessão de *Tangeri* na Africa; e para com maior força ser obrigada a Inglaterra á defende-lo lhe cedeo a famosa ilha de *Bombaim* na Asia, e podendo ao mesmo tempo os inglezes estabellecer-se nas possessões Portuguezas. Tractarão mais, que aquelles lugares dos dominios Portuguezes, que estivessem no poder dos Hollandezes, que fossem tomados por elles, ficarião desde logo sendo por direito seo; bem como se a ilha de Ceilão tornasse para a corôa portugueza se lhe cederia a cidade e porto de Galle, e com a metade do commercio da cannella.

Por ventura, á pezar de tantas vantagens, que tirou, e de haver em seo seio uma princeza portugueza, cumprío com o que prometteo? *Jurando* defender Portugal e seos dominios como *a ella* propria, em attenção ao grande dote de sua Rainha, e mesmo no caso da Hollanda lhe continuar á tomar alguma de suas possessões, fazer com que ella lhe a entregue, quer sim quer não? Tudo ao contrário aconteceu como foi, e hade ser sempre seo costume, porque nunca teve, e nem hade ter palavra nem fé alguma em seos tractos. Tomou para si as possessões portuguezas, que estavão no poder dos Hollandezes, e não se embaraçou com os males que continuou a soffrer Portugal, pela fraqueza e embecillidade de seo governo; e assim *sem trabalho nenhum* hoje possue na Asia a rica Ormus, as Molu-

cas e Ceilão. Manará, Negapatam nas costas do Comandel. No Malabar Coulan, Cranganor, Cochim Bombaim. Na Africa Tangeri, e o afamado Cabo Tormentorio nunca galgado por gente alguma, e somente reservado para as glorias do Gama. Obstaculos houverão para que Portugal concluisse com a Hespanha, o seo tractado (4) de paz, o que foi precizo a intervenção da Inglaterra; e como durante este intervallo Portugal estivesse occupado, a Hollanda, aproveitou-se disto, para ir fazendo suas tomadas, e então a Inglaterra que gosava de paz, e comprometida para com Portugal, com nada se importou, quanto ao garante de seus dominios, antes obrigou a Portugal a entregar a Hespanha, Ceuta, a mais glorioza de suas possessões. A maior,

(4) O Governo Britanico nos apresenta uma multidão de exemplos d'este systema devorador, e exclusivo. 1.º em 1703 quiz Portugal defender-se contra as antigas pretensões de Hespanha; o governo Britanico se apoderou de todo o seo commercio e de suas minas; tal é sua politica; não protege, se não devorando. 2.º o Governo Britanico fez na Bahia de Campeche estabelecimentos, que se lhe tolerarão somente para que pudesse cortar madeiras de tinta, e debaixo deste pretexto, construiu ali um deposito abundante de navios e mercadorias. Fez contrabando a mão armada nas costas do golfo do Mexico; e formou estabelecimentos permanentes á que deo a maior extensão. 3.º a Hespanha se vio obrigada, em 1763, a conceder novos privilegios ao governo Britanico na Bahia de Honduras; e elle a obrigou em 1771, a reconhecer seus direitos sobre as Ilhas de Falkland.

(Obra cit. L. 1. cap. 7 p. 22)

ca mais escandalosa mangação, que a Inglaterra praticou com Portugal foi a seguinte — Deshouve-se a Inglaterra com a França, e Hespanha; e Portugal em consequencia do seu tractado tomou as dôres por Inglaterra, e para sustentar a sua dignidade, declarou tãobem guerra a aquellas duas potencias; e nisto não fez mais do que cumprir sanctamente com a sua palavra. Por esta occazião perdeu o territorio e praça d'Olivença, e como aó depois pedisse a restituição, Napoleão interveio com tanto, que a Inglaterra restituisse aos Hespanhoes a ilha da Trindade; ao que a Inglaterra não quiz annuir não se importando com os prejuizos, que ella cauzava a Portugal, que tanto á *peito* tinha tomado, o mostrar lhe ser seo dilecto amigo. São tantas as patifarias e logradeiras, que os inglezes tem praticado com os portuguezes, que em numeral-as escreveriamos grossos volumes; porem è preciso notar, que, o que tem succedido aos Portuguezes não tem sido por fraqueza da Nação, porque todos a conhecem, porém sim por desleixo do governo Portuguez.

Muitas coizas succedêrão a Portugal até o meiado do seculo passado, em que o governo magestoso do Sr. D. José 1. fez conhecer ao mundo, que não se tinha acabado o brio e valor da nação: foi então que a Inglaterra sentio, que não ha bem cuja duração seja eterna, e nem mal que, a mão tardia do tempo não destrua, e que não repare; porque o Eterno Arbitro dos Mundos tinha marcado na pessoa do conde de Oeiras, força mais que sufficiente para abatter o desmedido orgulho de Inglaterra. Achando o reino no estado o mais lastimozo, de a-



batimento e ignominia, em pouco mostrou a toda Europa, que a sua Nação podia ser, como já tinha sido, independente, por ter chegado o tempo de acabar-se com o seu aviltamento. Foi a policia militar, os seus primeiros cuidados; e ao depois a agricultura, commercio, e letras os seus cuidados secundarios; e ao mesmo tempo extinguindo o barbaro tribunal inquisitorio, como um poderoso intorpedor das luzes da Nação; assim como substituindo tudo, o que havia de inutil em Portugal e seus dominios, tanto nas leis como em costumes, pelo que mais interessava ao bem de todos. Logo que a Inglaterra conheceo que nenhum partido podia tirar do 1.º ministro do Sr. D. José 1.º assentou intrigar aos pobres lavradores do alto Douro, contra uma medida, que havia tomado em proveito da lavoura; e conhecendo o Marquez de Pombal donde vinha a intriga, de prompto deo remedio ao mal.

O Marquez de Pombal deo uma lição de mestre a Inglaterra mettendo-se na guerra (bem que reprovarão este acto) contra França, para satisfazer aos interesses do gabinete Britanico, (1762) e a este tempo os Inglezes queimando nas costas de Portugal, alguns navios francezes, o Marquez de Pombal exigio de Lord Chatan, uma satisfação como se collige da carta escripta nestes termos: — Eu sei que o vosso gabinete tem tomado um imperio sobre o nosso; mas sei tambem que ja he tempo de o acabar. Se meos predecessores tiverão a fraqueza de vos conceder tudo quanto quereis, eu nunca vos concederei senão o que devo. He esta a minha ul-

tima resolução: regulai-vos por ella.— *Conde de Oeiras.*

E como recuzasse o gabinete inglez dar-lhe a elle dirigio-lhe a seguinte:—Vós fazieis bem pequena figura na Europa, quando nós ja a faziamos mui grande. Vossa Ilha apenas formava um pequeno ponto sobre a carta geografica, ao passo que Portugal quasi a enchia toda com seo nome. Nós dominavamos em Asia, Africa, e America, entretanto vós não dominaveis senão em uma pobre Ilha da Europa: vosso poder era do numero daquelles que só podia aspirar aos da segunda ordem; mas por os meios que vos temos dado, podestes elevar-vos á uma potencia da primeira ordem. Vossa fraqueza fisica vos privava de estender vosso dominio além dos limites da vossa Ilha: porque para fazer conquistas vos era necessaria uma grande armada; mas para ter uma grande armada he preciso poder-lhe pagar, e vós não tinheis o numerario para isso. Os que tiverem calculado vossas qualidades naturaes no tempo da grande revolução da Europa, devem ter visto que não tinheis então com que sustentar seis regimentos de infantaria. Nem o mar, que se pôde reputar vosso elemento, vos offerecia então maiores recursos: apenas podieis equipar vinte navios de guerra. Ha cincoenta annos a esta parte tendes tirado de Portugal mil e quinhentos milhões, somma enorme, e tal, que a historia não aponta igual com que uma só nação tenha enriquecido outra. O modo de haver estes thesouros vos tem sido mais favoravel ainda que os mesmos thesouros: porque he por meio das artes que Inglaterra se tem tornado senhora de

nossas minas, e nos despoja regularmente de seo producto. Um mez depois que a frota do Brazil chega, ja della não ha uma só moeda de oiro em Portugal; grande utilidade para Inglaterra, pois que continuamente augmenta sua riqueza numeraria: e a prova he, que a maior parte de seos pagamentos de Banco se fazem com o nosso oiro, por effeito de uma estupidez nossa, de que não ha exemplo em toda a historia universal do mundo economico. Assim permittimos nós que nos mandeis nosso vestido, bem como todos os objectos de luxo, que não he pouco consideravel; e assim damos emprego a quinhentos mil vassallos d'El-Rei Jorge, população, que á nossa custa se sustenta na Capital de Inglaterra.

Tambem são vossos campos os que nos sustentão; e são vossos lavradores os que substituem os nossos, quando em tempos antigos eramos nós quem vos fornecia os mantimentos: mas a razão he que em quanto vós roteaveis vossas terras, deixavamos nós ficar as nossas sem cultura. Comtudo se nós somos os que vos temos elevado ao maior gráo de vossa grandeza, tambem nós somos os unicos que delle vos podemos derribar. Muito melhor podemos nós passar sem vós, do que vós podeis passar sem nós: uma só lei pode transtornar vosso poder, e diminuir vosso imperio. Não temos mais do que prohibir com pena de morte a sahida de nosso oiro, e elle não sahirá. Verdade he que a isso podeis responder-me que, apesar de todas as prohibições, elle sempre sahirá, (5) como tem sahido, porque vossos navios de

(5) Quaes são, pois, os recursos do governo Britanico?

guerra tem o privilegio de não serem registados na sahida; mas não vos enganéis com isso: se eu fiz com que se degolasse um Duque de Aveiro, porque attentou contra a vida d'El-Rei, mais facilmente farei enforcar um dos vossos Capitães por levar sua effigie contra o determinado por a lei. Ha tempos em que nas Monarchias um só homem pôde muito. Vós sabeis que Cromwell, em qualidade de protector da Republica Ingleza, fez morrer o irmão do Embaixador d'El Rei Fidellissimo: sem ser Cromwell eu sinto tambem com poder de imitar o seo exemplo, em qualidade de Ministro, protector de Portugal. Fazei logo o que deveis, que eu não farei tudo quanto posso.

São por acaso oseeitos de sua Acta de navegação ? Elles serão nullos desde o momento em que cada nação maritima reconhecer seos direitos, e publicar outra acta semelhante para o seo commercio. *As forças e riquezas da Inglaterra dependem da vontade dos outros povos: logo que elles rectificarem a sua legislação commercial e maritima, e a de suas Alfandegas e portos, a grandeza collossal do povo Britanico desaparecerá como um relampago que não deixa vestigio na atmosphera, donde intimidou e deslumbrou o povo ignorante e debil.*

Seos numerosos navios!... Elles podem ser queimados em seos mesmos portos!.. Não fez o Governo Britanico queimar os nossos em Toulon, e expor os da Hespanha ao fogo dos nossos castellos, cuidando em salvar os seos?

Os impostos para pagar os juros correspondentes aos capitães que pederião emprestados!..... Elles se tem quadruplicado, e excitão as queixas, os clamores e a desesperação geral da Inglaterra. (Obra cit. cap. 12. p. 58.)

Em que viria a parar a Grã-Bretanha se por uma vez se lhe cortassem as fontes das riquezas da America? Como pagaria ella suas tropas de terra, e de mar; e como daria a seo Soberano os meios de viver com o esplendor de um grande Rei? E mais ainda: donde tiraria ella os subsidios com que paga ás potencias estrangeiras para apoiarem a sua?

Um milhão de vassallos inglezes perderia em um momento a sua subsistencia se de repente para elles acabasse a mão de obra de que se sustentão; e o Rei de Inglaterra passaria por certo a grande estado de miseria, se esta origem de riquezas lhe faltasse. Portugal não precisa de mais que regular seo sustento: e fazendo-o assim, a quarta parte da Inglaterra morrerá de fome. Bem verdade he que me podeis dizer que a ordem das coisas não se muda tão facilmente como se diz, e que um systema estabelecido depois de muitos annos não se muda em uma hora: assim he: porém posso-vos responder, que não deixando eu perder occasião opportuna de preparar esta reforma, não me he difficil no entanto estabelecer um plano de economia que conduza ao mesmo fim. Ha muito tempo que a França nos convida para lhe recebermos suas manufacturas de lã: e se as recebermos, que será das vossas? Tambem a Barbaria, que abunda em trigos, no-los pode fornecer por o mesmo preço: e então vereis com extrema magoa como vossa marinha gradualmente se extingue. Vós, que tão versado sois na politica do ministerio, sabeis muito bem que a marinha mercante he o viveiro de officiaes, e maruja da marinha Real; e que só com esta, e aquella tendes feito toda a vossa grandeza.

A satisfação que vos peço he conforme com o direito das gentes. Succede todos os dias que os officiaes de mar, e terra fação por zelo, ou ignorancia o que não devião fazer: he por tanto a nós que pertence o punil-as, e fazer emendar, e remediar os damnos que elles tem causado. Nem se deve julgar que estas reparações ficão mal ao Estado que as faz: a contrario, sempre he mais bem estimada aquella Nação que de boa mente se porta a fazer tudo o que he justo. Da boa opinião dependeo sempre o poder; e a força das Nações. — *Conde de Oeiras.*

*N. B.* El-Rei de Inglaterra mandou um Embaixador extraordinario a Lisboa para dar a satisfação pedida.

Daqui podemos ficar certos, que a Inglaterra só è forte com o *fraco*, e mesmo porque já o tinha experimentado em outras occaziões.

Não ha Nação que mais prometta do que a ingleza; porém não ha nenhuma, que mais falte; e nesta illuzão de promettimentos tem vivido Portugal com o titulo de alliado. Antes que nos esqueça e passemos ao nosso ponto, temos de lembrar um factio por meio do qual pretendeo a Inglaterra acabar com Portugal; e vem a ser o tractado de commercio, que assignou D. Pedro 2. em 27 de Dezembro de 1703, que reduzio *a nada a industria manufactureira* Portugueza; de sorte que existindo aquella tão afamada Nação, com a sua independencia se vio por fim na necessidade de pedir a Inglaterra, o que ella já em tempos felizes lhe tinha dado, *pano para cobrir a nudez, e pão para se alimentar*: e se tãobem não acabou com a cultura das vinhas, foi porque a sua

pobre ilha era esteril para este genero de cultura. No entanto posto que não extinguisse a cultura deste importante ramo, atr opelou a companhia dos vinhos este bellecida em Londres. (6)

O gabinete Inglez sempre *traidor* (7) com os seos

(6) Lede a Relação dos factos praticados pela commissão dos commerciantes de vinhos em Londres trad. do Inglez 1813.

(7) As cousas tem variado, e os Campos de Portugal se achão agora cobertos de tropas Britanicas. O Gabinete Britanico desterroo a casa de Bragança para o Brazil, e ao mesmo tempo que dá a lei, como Senhor, naquella colonia, estabelece no solo Portuguez um despotismo tyrannico e militar. Lord Welington, o agente desaforado do infatzo Gabinete Britanico, tem assolado aquelle famosa paiz: tem o ensopado de sangue humano, e coberto o solo de inumeraveis cadaveres Portuguezes... Debaixo do pretexto ostentoso de os defender, só trata de os destroçar e de exterminal os. O Gabinete Britanico prevê que a sua dominação no Continente, não pode durar longo tempo, e se aproveita do curto intervallo que lhe permittem as circumstancias para arruinar Portugal, e a Hespanha; deixar as suas terras inteiramente devastadas; suas riquezas consumidas; e sua população absolutamente reduzida a zero, se he possivel; eis aqui o ministerio abominavel de sua politica barbara. Debaixo do plano combinado de tanta perfidia e de tanta atrocidade, o Governo Britanico se tem apoderado das poucas forças navaes que ainda restavão á Hespanha, e de Gouta pondo lhe guarnição Britanica. Faz tudo quanto pode para adquirir a ilha de Cuba e a de Porto Rico; para que se lhe permitta entender se desde o Canadá, pela Florida Oriental, até Pansacola, e dali saberá facilmente abrir cominho até onde chama a sede insassível do ouro.

allidados, abuzou da boa fé de D. João 6. e fez com que Portugal perdesse a mais rica de suas possessões, o actual Imperio do Brazil, concorrendo ora as claras ora occultamente para o tractado, que assig-

Considerai attentamente a conducta do decantado Welington em Portugal e Hespanha. Não vos deixeis seduzir pelas narrações artificiosas deste general. nem pelas dos seus panegiristas assalariados. Elle não compromette nunca as suas tropas com as francezas, faz sempre uma guerra de parada; apresenta se, e foge. Se alguma vez he obrigado a bater se, os Portuguezes são as victimas que expõem ao fogo e ao ferro inimigo. Serve se da mesma politica com os Hespanhóes: excita os á guerra; precipita os nos combates e o exercito Britanico fica sempre como simples espectador.

He precisa toda a arte, todos os calculos e toda a sagacidade dos Generaes Francezes para o obrigarem alguma vez a participar do estrago como em GALIZA, TALAVEIRA, CHIGLANA e ALBUEIRA. Porque não entra no seio da Hespanha e não busca os exercitos Francezes com suas columnas de automatos? Porém elle sabe perfeitamente o que lhe convém; e desde o momento em que vê o exercito Francez, disposto a buscá-lo, não pára se não nos entrincheiramentos de Lisboa. Tal he o Heroe a quem os escravos do Governo Britanico dão o nome de Fabio. De certo este grande homem dos bellos tempos de Roma se envergonharia, se do fundo do seo Sepulchro ouvisse prostituir tão baixamente seo nome immortal. Os Britanicos sabem commetter crimes e levar ao maior extremo, os roubos e a pirataria nos mares; mas em terra, não ha povo que não seja capaz de os bater e de os destroçar. A experiencia de todos os tempos o attesta.

(Obra cit. cap. 21 p 79)



nou D. João com seu filho, o Sr. D. Pedro 1.<sup>o</sup> em 29 de Agosto de 1825.

A independencia do Brazil , ou mais tarde ou mais cedo se effectuava; por assim convir aos interesses dos Brasileiros ; mesmo attendidas as muitas circumstancias, que occorrião , tinha o Brazil necessidade de emmancipar-se, porém não convenha ao governo inglez dar o menor passo, entre os negócios do Brazil com a metropole, pelo comprometimento do seu tractado , embora conhecesse a razão, que militava em favor do Brazil. O dever lhe impunha a neutralidade , e deste modo ficaria livre da nodua de traiçoeira, que com justiça se lhe poem. O Brazil estimou a traição, que a Inglaterra praticou em seu o favor, porém não deixou de olhar com reparo ao traidor, por conhecer os pensamentos, que a este respeito nutria a Inglaterra.

Depois que reconheceo, por occasião do falecimento de D. João 6., a legitimidade na successão da corôa Portugueza na pessoa do Imperador o Sr. D. Pedro 1., e legal abdicacão na da Sr.<sup>a</sup> D. Maria 2.<sup>a</sup> intriga e influe a D. Miguel, para se aposar da regencia , e ao mesmo tempo fazendo reconhecerem D. Miguel um usurpador, e assim pondo o Reino em dezordem, bota-se de longe a contemplar com indifferentismo , o fructo de suas malvadezas.

Reconhecida a independencia do Brazil , e em seu requissimo Throno sentado o Sr. D. Pedro 1. de eterna e saudosa memeria para todos os brasileiros, com mão occulta tramma novas dezordens, e como o genio do mal nunca descança, assoalhando que no Têjo, se preparava força naval contra o Impe-

rio nascente de Sancta Cruz, dando occasião à que o pôvo perca a obdiencia á seu Monarcha, por suppor traição á sua independencia, e ao que levou aos zelozos Pernambucanos, o proclamarem em 1824 a sua separação, com o titulo de *confideração do Equador*. Não contente a reproba Inglaterra com tantas malvadezas, e crescendo-lhe no peito, a infernal ambição pelos auspicios felizes, que prometia o Imperio nascente, foi do mesmo modo soprar os *estados do Sul*, á fim de perturbar as aguas do Prata, para com a costumada intriga, progredir seos interesses, por lucrar sempre com as lagrimas alheias.

Por todos os lados machinando a nossa futura desgraça; levando todo o nosso ouro e prata, tem posto o Imperio do Brazil em tal apuro, que para haver moeda circulante foi preciso a introduccção do *papel*; e para coroar a obra que tão destramente soube talhar, por meio dessas intrigas, levou a anarchia no povo, e para sempre perdendo o seu querido monarcha o Sr. D. Pedro 1.º, que no dia 7 de Abril de 1831 disse cheio de saudades, e amarguras, e tendo as lagrimas nos olhos estas palavras memoraveis: *Aqui está a minha abticação; desêjo que sejam felizes! Retirome para Europa, e deixo um paiz que tanto amei, e ainda amo*. Malvada! Reproba! Ultima a obra, offerece-lhe a náu Waripite, para azilo no porto do Rio de Janeiro, onde nunca mais voltou, e a fragata Volage para o conduzir á Europa. Depois se vio o Brazil em grandes apuros na administração, da regentes e ministros, que nenhum bem lhe tem feito, e antes fazendo gemer o povo com tributos enormes, para chegar as despe-

zas de pensões, e pagar a um grande numero de empregados (8) de que estão cheias as repartições! Onde se amanhece pobre, e se anoitece rico!!! E' hoje tão conhecida por todas as Nações a má fé do gabinete de S. James, que já algumas reccuzão tractarem-se, porque *elle* o que exige dos outros gabinetes é a firma da Nação, para a seu salvo *intrigar e mangar*; e neste comenos hir vendendosuas mercadorias, e dictando a lei na caza alheia; por quanto para Inglaterra a palavra *tractado*, tem o mesmo valor que tinha a mascara do Pedro, que contemplou a Rapouza.

Clamaõ diariamente osjornaes Americanos contra a Inglaterra e seos tractados, fazendo ver, que este Lião da fabula de tudo deseja tirar partido, e que a America de nada precisa da antiga Albion, porque seos campos sempre bem roteados, suas gigantescas fabricas em continuo moto, as sciencias e artes florecendo, e tudo garantido por sabias leis, e *governo protector*, lastimão a sorte do Brasil, que estando em uma pozição mais independente, do

(8) O grande numero de empregados de que abundão as repartições, é a razão mais valente, que mostra o grande atrazo em que estamos, e a necessidade que temos de um governo *protector*, e de leis sabias, que garanta a industria manufactueira no paiz, alim de convidar aos diversos capitalistas o estabelecerem fabricas, que promettaõ duração; e deste modo individuos, que pezão a Nação acharião n'ellas um meio honesto de subzistencia; e não forçarião a que se criassem empregos para arranjalos, e consequiamente impostos a satisfazer similhautes despezas.

que os mesmos estados Unidos, e mais rico nos productos de generos coloniaes, vive oprimido por seo proprio gosto. E convirá nas circumstancias em q' o Brazil, está e as relações que goza com as mais Nações, assignar novo tractado de commercio, ou ratificar o mesmo com a Inglaterra? Nós, assentamos que não: porque é um absurdo pensar-se, que a Inglaterra admittirá para seo consumo generos Brazileiros, em detrimento de identicos, produzidos por suas colonias, em quanto ella poder passar sem elles, e na verdade, ainda que isto acontecesse o Brazil não o precisa, por haver quem em seos portos lhe venha buscar sem ser preciso ir offerecê-los. Nações sem colonias serão sempre os seos melhores freguezes. A Alemanha, Austria, Suecia e os Estados Unidos, &c. consomem actualmente tudo quanto o Brazil produz; e consumirão para o futuro tudo, o que elle for capaz de pro luzir. Outro sim estas Nações não tendo *preciozissimos crias* a proteger e nem utopias systematicas á introduzir, por não exigirem os seos interesses, não agitarão no Imperio as discensões internas, como fazem diariamente os Inglezes no Brazil, e nem amiaças externas para intorpecer, e prejudicar o seu commercio, acompanhados d'uma eterna correspondencia diplomatica, cujo resultado è atropelar, e distrahir o governo dos seos deveres, para dest'arte, descuidar-se dos interesses reaes do seu paiz. O gabinete Inglez, assim o pratica diariamente com o ministro brasileiro, que só se occupa em satisfações reclamações e outras mil exigencias do governo Inglez: assim o Brazil depois da abertura dos seos portos tem

vido constantemente agrilhado por tractados, com o speciozo titulo de *reciprocidade*, os quaes em lugar de assim ser, tem até hoje paralyzado a actividade de seo pòvo, e impedido que seos *legisladores* intentem medidas efficazes, tendentes a animar a industria manufactureira que tanto se compade-se com os habitos e indole d'uma grande parte do povo Braizleiro.

Que o Imperio de Santa Cruz tem sido mais proveitozo, *sem onus algum*, a Inglaterra, do que as suas proprias colonias do continente Americano, e das Antilhas não nos resta duvida alguma; porque muitas dellas são-lhe pezadissimas, e todas precisão de grandes dispendios para as sustentar, de governos coloniaes, guarnições, marinha, &c., áfim de poder conter em algumas o grande numero de aprendizes (escravos), que para ali vão d'África, e mesmo, os habitantes do paiz: ao passo que o proveito, que tira do Brazil é todo liquido. A linguagem constante (como ja fizemos vêr), que tem a Inglaterra para com as outras é—*tractados reciprocos, e liberdade de commercio!!!?*.. quando forceja para excluir das Antilhas o commercio estrangeiro; ao menos de uma nação, que ella bem conhece-a por experiencia propria ser sua competidóra perigoza, tanto na paz como na guerra. Os debates recentes do parlamento Britanico á respeito da admissão, ou não do nosso assucar produzido por trabalho de *escravos*, e proposição de direitos differencias, á favor do produzido por braços *livres*, são de tal maneira ridiculos, e indignos dos estadistas, digo, des economistas d'uma nação tão poderosa, que claramente, ao lêl-os,

manifestão o fim, á que se dirigem; pois não podemos suppor que os membros d'um parlamento qual o de Inglaterra, estejaõ com falta de senso commum; ou que elles ignorão, que o assucar dos nossos engenhos não continuará á ser consumido pelas Nações do Norte da Europa, e de que ja fizemos menção. Outro sim; cuidaraõ os Inglezes, que nós os Brasileiros, não saberemos como elles, que toda a diminuição nos direitos de importação para seos domínios do nosso assucar e café, não seja em beneficio de seos subditos!

Assim como elles machinão a total ruína das outras nações, assim tãobem ellas buscão patentear ao mundo, o que elles não queririão que se soubesse. E' hoje bem notorio ser o trafico illicito da escravatura, um meio seguro de ganancia, com o qual desonestamente *pirateão* nas agoas do Athlantico. (9)

(9) Se nós não visse mos pela leitura d'um livro inglez escripto por um dos maiores adeptos da politica—tory— não acreditariamos, que a moralidade, que a nação ingleza exige das outras nações fosse adulterada por ella; por quanto, perseguindo o contrabando feito pelas outras nações, e clamando a moralidade, ella proteja á face da Europa á seos naturaes, para que escandalosamente fação este genero de commercio prohibido pelas leis fundamentaes d'um paiz. E' lord Marquez de *Londonderry* o author das seguintes palavras (T. 2. pag. 257), que confessa o exemplo escandaloso de sua nação.—

Levantamos a ancora na Bahia de Gibraltar pelo meio dia, á seguirmos para Ceuta; e a ponta da Europa, rochedo atrevido e arrogante, coberto de artilheria ingleza, faz uma vista digna de reparo: é este o abrigo onde os con-

Tomão os escravos com o titulo de contrabando aos traficantes, e com o proposito d'os levarem á Serra Leoa, onde é o deposito, preparão-se-os e dali são conduzidos para as colonias das Antilhas, áfim de serem empregados na lavoira, á titulo de *aprendi-*

trabandistas furdão a sombra do pavilhão inglez. Faz-se aqui um immenso contrabando, debaixo mesmo das proprias vistas das authoridades Hespanholas; as fazendas inglezas, são absolutamente prohibidas para consumo na Hespanha, com o fim de proteger as produções nacionaes, com especialidade as de Catalunha, e Barcelona.

Lenços, chales, cassas, em suma, todos os artigos de manufacturados na Gran Bretanha, se achão na Hespanha, e são ali introduzidos á força por immensos barcos contrabandistas de pequeno e grande porte, que aguardão o momento em que possão illudir a vigilancia dos *Guardas costas* Hespanhóes, para largarem a protecção do Rochedo, e correrem ao longo da costa, para descarregar as suas fazendas por *estratégias*, previamente combinadas; e quando perseguidos dos *Guardas costas* Hespanhóes, acolhem se de novo ao protector Rochedo, cuja artilheria não hesita em fazer fogo sobre os que a seo alcance perseguem os contrabandistas: *sendo a nossa política o animar e dar toda a protecção aos contrabandistas*. Gibraltar é um grande deposito de fazendas inglezas, que se importão por aquelle meio na Hespanha.

Alguns dos barcos contrabandistas são de 150 toneladas e montão peças de calibre 32: um destes — o Terrivel, — que foi construído em Gibraltar, expressamente para aquelle fim foi tomado á pouco.

Steam voyage to Constantinople, by the Rhone and the Danube, in 1840—41, and to Portugal Spain, &c., in 1839—by the Marquess of London derry.

zes, e serem civilisados pela *azoragia* do mais barbaro serviço. Ora, qualquer pessoa pode ajuizar o estado em que deve ficar um infeliz Africano, quando sai do poder dos colonos inglezes, cujo engajamento è limitado á 7 annos, debaixo do ardente clima intertropicaes, onde o solo ja cansado pelo muito rotiar deve dar subsistencia. Estes infelizes para que mais prestaraõ? Um inglez tracta com vizes peor, um criado branco e seo igual, do que nós a um dos nossos escravos; e se assim acontece entre inglezes, o que não acontecerá, estando em seo poder um desgraçado Africano! Quando saem do poder dos colonos, o seo estado organico é tal, que não pode rezistir com a vida. E' factõ notorio, que os inglezes conhecendo a difficuldade da lavoira da cana trabalhada por braços livres nas Antilhas, vão aos differentes Reis Africanos busca-los mediante uma conveniencia pecuniaria, ou coiza que o valha, e a titulo de civiliza-los. O que é esta conveniencia senão a troca, que se faz d'uma mercadoria, por homens á que os inglezes dizem livres, senão comprar! E sendo assim, não tem elles assucar produzido por braços escravos? E' tal a insolencia dos inglezes, e o apuro em que vivem, e o dezejo que mostrão para admittir em suas colonias, homens sujeitos, que sem serem authorisados, e nem garantidos por lei, estão seduzindo por arteficios os nossos pacificos Indigenas do Amazonas, para os levarem para a Demerara. O solo das Antilhas actualmente produz mui pouco por estar caçado, e o que d'elle se tira é a força de *adubo*, que diariamente recebe; e tanto é assim, que vão buscar estrumes aos diversos



paizes, á fim de os transportarem para ali, e para a Inglaterra. O quanto nós dizemos é tanto verdade, que á mui pouco tempo por aqui passou uma barca Chilena, vinda do Valdivia, carregada de *estrumes de passaros*, que directamente foi para a Inglaterra; e consta-nos, que dá este *novo genero de commercio Inglez* 80\$ rs., e para mais, cada tonelada. As colonias do Pacifico, e entre ellas a Nova Hollanda pouco progride, por que os colonos, que para ali tem hido, não podendo ali viverem tem voltado, dizendo que antes querem morrer de fome em Inglaterra, do que tornarem para esse paiz inospito.

Da qui podemos ver em geral, que as possessões Britanicas, não estão em estado, de competir em nada com o Brazil, já não fallo á outros respeito, porém somente quanto a producção dos generos coloniaes. O solo da Jamaica não tem comparação com o nosso, e está mui cansado, e se fallo d'elle especialmente, é por ser o maior, que possui a Inglaterra no grupo das grandes das Antilhas, (10) pela aturada e continua culturação.

No Brazil existem milhões de terras virgens, riquissimas de força productiva, e as que tem sido até hoje agriculturadas seculos terão que passar sem precisar de adubos, como á Jamaica. Vemos que a mais de duzentos annos existem engenhos no Iguape, e hoje em uma legoa quadrada se contão vinte dois ou mais, e cada um se suppoem mais rico pelo bom e muito assucar, que produz. Ora, o que dizemos para com o Iguape, milita em grande parte ao Brazil.

(10) E' a menor das tres, que forma o grande grupo.

Não ha quem ignore, que as possessões Inglezas da Gram-Bretanha , tem progressivamente diminuido desde a emancipação de seos escravos, e que já mais poderãõ fazer face as precizões da mãi patria, pela escala augmentativa de sua população; e d'onde hão de suprir esta falta, dado mesmo o cazo, que a producção das Antilhas não deminua? A producção dos generos coloniaes por braços livres, por circumstancias diversas, é impossivel encher aquelle vacuo, ou pelo menos é em extremo problematico. As mesmas cauzas, cedo ou tarde hão de produzir iguaes effeitos. A raça africana, nascida e criada captiva, no estado da mais deploravel barbaridade, revoltante superstição, e ignorancia incrível, repentinamente emancipada não poderá em uma geração ficar acostumada á esse estado, que de repente a querem elevar, porque não poderá avaliara sua pozição, embora estivesse em um estado de adiantada civilização; porque a natureza humana quando marcha de salto sempre propende para os extremos.

Nós não hezítamos apresentar as nossas convicções, quando ellas são confirmadas por accoentcimentos recentes, de que a emancipação prematura, e tão repentina dos escravos Africanos feita pela Gram-Bretanha, hade ser origem de tumultos, scenas sanguinolentas, e barbaridades inauditas entre os proprios Africanos emancipados de suas colonias, a proporção que for deminuindo o respeito salutar, para com os seos antigos senhores, que vai desaparecendo como è natural, e a experiencia nos mostra; e então a Inglaterra receberá as maldições da-

quelles á quem pensou com suas utopias beneficiar, e porcauza da humanidade soffrente o muito enganado povo Inglez terá, que lamentar a sua prematura e mal dirigida philantropia. ( alias digna de elogios se elle religiosamente a observasse. ) E' hoje um exemplo bem frizante, as cruéis e exterminadôras dezordens entre as raças de côr em S. Domingos; e tanto que isto tem altamente concorrido, á quazi total decadencia productiva desta fertil Ilha.

A experiencia da emancipação sendo tão recente, e seos resultados tão problematicos, não é um acto de grande injustiça do lado do partido domindanteda Inglaterra o procurar meios de infringir suas doctriuas, a respeito dos outros povos! Mas o seu fim é reduzir a todos ao nivel de suas colonias, por suas utopias de nenhum risco para um tão distante, rico e poderoso paiz, como de presente é a Gram-Bretanha, mas deve tal interesse, e risco eminente ser para os outros paizes menos afortunados á respeito, cuja existencia como nações perigaria com adopção de semelhantes dontrinas, cuja utilidade ainda não se acha demonstrada para satisfazer um pouco as nossas convicções: refirimo-nos ao relatorio feito ao governo francez, pelos commissarios mandados para darem seo parecer sobre a abolição da escravatura em suas colonias, (11) onde mostram a medida pouco conveniente e perigoza, concluindo dizendo; e q' a emancipação foi uma medida fatal as colonias inglezas, e que já mais recu-

(11) Abolition de l'esclavage dans les colonies Anglaises par Cap. Laryle p. 131.

perarão os prejuizos , que lhe causarão os effeitos della.—

Para melhor provarmos o que temos dito, e para confirmarmos estas ultimas palavras da commissão Franceza, vejamos o que diz o parecer da commissão Inglesa, nomeada para examinar o estado de suas colonias, e vem a ser (V. a Sentinella da M. n.º 112 de 26 de Julho de 1844), que a agricultura tem perdido uma terça parte de braços trabalhadores, desde a abolição do trabalho forçado, porque aquelles, que se querem prestar a isto, só trabalham uma ou duas semanas, levão igual tempo em sancto ocio, fazendo tranças para os chapéos; e quando mais se necessita de trabalho, é quando elles mais faltão, embora os proprietarios offereçam grandes jornaes. Tem chegado a preguiça e inconstancia dos negros jornaleiros á tal ponto, que os proprietarios se tem visto na precizão de perderem os productos coloniaes por falta de braços, que lhes ajudem a colheita. Se o trabalho é mal feito, ninguém se atreve a mandar fazer de novo, porque só trabalham quando querem, e por preços excessivos, que quaze sempre o prejuizo é certo e o lucro incerto. O Sr. Ralph Bemeldiz—“que a cultura achase no estado o mais deploravel por cauza do reduzido numero de jornaleiros, de summa difficuldade em conseguir um trabalho continuo no tempo de colheita, e de valor subido dos jornaes. Succede com frequencia, que os engenhos ou trapiches estão parados por falta de braços: os negros não querem trabalhar s não como, e quando lhes vêm; recuzão plantar as toras de canna quando a

terra está preparada; deixão passar a estação, e obrigão a principiar novamente com grandes gastos até 5 ou 6 vezes os trabalhos de chapéo. As cannas perdem-se no pé, por não haverem as cortado á tempo; finalmente é tal a situação da Jamaica, que, se aquella ilha não receber um prompto e consideravel reforço de braços, deixará de ser uma colouia de assucar. —

Ora, o mesmo que acontece na Jamaica, versa a respeito da Barbada, sede do governo geral das Antilhas de barlavento.

Quanto a Guayana Inglesa transcreveremos o que diz o referido jornal, para melhor termos cabal certeza do seo miseravel estado; e vem a ser:—«os negros trabalhão menos e peor do que antes da emancipação. O solo da Guayana é mui fertil, porém esta fertilidade è inutil por falta de braços para aproveitar-a. Se o chapéo não se faz á tempo, perdem-se todos os trabalhos anteriores. Os trabalhos do desaguento, tão necessarios á cultura na Guayana, ha tres annos que estão desattendidos. Tem-se perdido muitas vezes cannavies inteiros, por falta de negros que os derrubassem. Têm-se visto tambem perderem-se as cannas á porta do trapiche, por os negros não quererem trabalhá-las. Havia antes da emancipação 63,000 escravos destinado aos trabalhos da grande cultura, 10 mil meninos menores de 6 annos, dos quaes muitos têm hoje 14. Os moços não querem trabalhar agora; o trabalho que se faz actualmente não equivale ao que fazião 25 mil negros antes da emancipação.

Os jornaleiros não fazem mais do que uma tarefa por dia: esta deveria durar 7 horas e meia, se se fizesse com cuidado; mas, como o fazem mal, não lhes leva mais que 3 ou 4 horas. Poderião os cultivadores queixar-se aos magistrados mas não se atrevem a fazel-o, temendo que os negros os abandonem.

O jornal mais baixo é de um scheling e cinco peniks: muitos pagão dois schel por tarefa. Os negros empregados na fabricação do assucar recebem ainda outros 5 peniks, o sustento e varias outras condições. O pagamento se faz todos os dias. Commeção commumente o trabalho ás 8 da manhã, e acabão ás 3 da tarde. Não trabalham continuamente desde as 8 ás 3, pois comem e descanção durante aquellas horas; de sorte que só trabalham 3 ou 4, e o trabalho é imperfeito; algumas vezes se tem pago meio duro por tarefa.

Além do salario recebem os negros diversas outras retribuições, e o alimento que se occupa na fabricação. Os mais se sustentão com o producto de suas terras, o qual os torna independentes do salario e os alivia do trabalho. O lavrador vive em sua casa e cultiva seu terreno, sem pagar nada por isso. Tambem se lhes dão gratuitamente os soccorros da medicina.

— Dizeis que o negro tem uma casa pela qual não paga aluguel, e terras porque não paga arrendamento; que os médicos o assistem sem nada despender do seo, e que além d'isso cobrão diariamente 1 schel. e 4. p. por 5 horas de trabalho: o que seria necessario fazer-se sobre tudo isto, para induzil-o a trabalhar?

—Que lhe assegurassem a propriedade da casa e do terreno, nos quaes não tem senão uma possessão.

—Dissestes que muitos negros economisão consideraveis sommas de dinheiro, que comprão terras, e que pagão liberalmente a seos missionarios e a suas escolas. Como conciliaes esta parte da vossa declaração com a outra em que attribuis a infeliz situação da Guayana á modicidade do jornal que se paga aos negros? Como podeis acreditar que estes vivão descontentes; quando possuem bastante para não carecer de nada e para comprar terras?

—Isso depende inteiramente do modo porque os negros enearão sua situação e a dos fazendeiros.

—O augmento das rendas das alfandegas colonias não provém de uma importação de artigos de commodidade e de luxo que consomem os negros?

—Provém.

—E não prova isso mesmo que os negros percebem um jornal por seo trabalho?

—Não, de maneira alguma. » (12)

(12) Nunca pensou o calculador gabinete Inglez, que a sua mal entendida philantropia revertesse em seo grandiozo damno; cuidando fazer bem aos escravos, enganou-se, porque fez mal á si, e á elles; á si, porque ou ha de abandonar as colonias por não haver generos colonias para consumo, ou se as qizer possuir ha de admittir a escravidão: á elles, porque sendo os negros uma raça pouco favorecida, supersticioza, e ignorante, ha de chegar á um estado de miseria, e de solução, que tragando se amaldiçoarão aquelles, que lhes fizerão gozar d'um bem. para o qual ainda não estavão preparados. Eu dezejaria ver

O vasto e riquissimo Imperio do Brazil tendo de extensão 800 legoas de norte à sul, e quaze igual quantidade de leste à oeste possui climas tão variados quanto a temperatura, e tão amenos, que não erraremos se o chamarmos Imperio Celeste. Nesta bella região, a natureza foi exuberantemente prodiga, porque em qualquer de seus reinos ha profusão de riquezas. (13) A' começarmos pelos habitan-

qual o partido, que o gabinete Inglez tomaria nesta conjunctura, porque elle não é amigo de perder, o que possui; e se admittir de novo a escravidão, que satisfação dará às nações, que, como nós, não lhe tirão os olhos de cima? Ah! sim nem perde suas possessões e nem admittie escravos, porque honestamente manda aos differentes reis Africanos comprar os serviços de seus subditos ou escravos por 7 annos, e á titulo de *Aprendizes* são conduzidos para a pica de canna; e como são garantidos, são tractados como já acima dissemos.

(15) O limitado espaço d'uma *memoria*, nos não permite divagar á respeito da immensa riqueza, que possui o Brazil, e para supprir os nossos desejos recommendamos, o quanto nos é possível, a leitura das *Memorias Historicas*, e *Corographia Paraense* do nosso muito erudito, e incansavel Dr. Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, nas quaes estão mencionadas e authenticadas por authoridades incontestaveis. O pouco apreço, que damos ás nossas coizas, tem de alguma forma desgostado ao nosso concidadão, de continuar á publicar os volumes, que faltão para completar o seu bello codigo de noticias das nossas riquezas. Promptos estão os manuscritos, porém o mesmo não acontece quanto aos meios de os fazer imprimir! Oh! Quão difficil não é a instrucção no Brazil! E que premio tem tirado o Sr. I. Accioli, com o ornamento da nossa



tes, em geral, todos possuem docilidade em suas maneyras, comprehensão facil e variada.

O reino vegetal é o mais abundante, que s'ò pôde possuir; porque se s'ò investiga pelo lado da materia medica, temos em tanta abundancia, que se os nossos medicos se dessem ao trabalho de estudar as preciozas plantas, que temos, certamente contarião com um rezultado mais prompto, e seguro. Não faltão em nossas dilatadissimas florestas gigantescas arvores de construcção, junto das quaes nunca respirou humana creatura; bem como não falecem ás artes as differentes madeiras, e de tinturas rarias. Nossas cozinhas não necessitão das *conservas* da Europa, porque as speciarias para condimentar os nossos alimentos são de sobejo.

No reino mineral, nada precisamos; porque em abundancia temos o oiro, a prata, o ferro, o chumbo, o cobre, o diamante, a safira, o rubim, a esmeralda, o topazio, &c., o marmore de differentes côres, a cantaria, &c.; e as ricas minas, *virgens*, de carvão de pedra, que podem supprir por dilatados seculos, o mundo inteiro, de combustivel, sem que seja sensivel o seu consumo. Quanto ao reino animal, o Brazil além de possuir as familias naturaes apresenta species unicas em certos individuos.

Avista pois do que acabamos de expor, podemos seguramente dizer, que o Brazil, tendo cabal conhe-

acanhada litteratura! Fallem por elle os volumes das *Memorias Historicas da Provincia da Bahia*, que estão promptas, e que se não imprimem por falta de meios pecuniarios.

cimento de sua verdadeira posição, absolutamente independente, e para sempre da Inglaterra, como consumidora; e inteiramente o que não acontece da Inglaterra para com o Brazil, que lhe consome para mais de quatro milhões de libras esterlinas, produzidas por suas fabricas, cuja importação, por ser excessiva, ha esgotado o Imperio de seus metaes preciosos, empobrecendo-o á ponto de fazer com que o seu meio circulante seja o papel moeda, irresgatavel se continuar do mesmo modo o nosso estado de coizas.

O Brazil, pela natureza de suas produções, e por sua posição geographica, está evidentemente destinado á ser, não obstante o que dizem em contrario cavilosos interesseiros, não só um paiz exportador, como fabricante em ponto consideravel, em relação ás necessidades de sua população, visto que tendo em abundancia materias primas, só tem necessidade d'um governo *protecter*; por quanto uma grande parte de individuos, actual e inteiramente improductivos pela sua deficiencia phisica, para os trabalhos rudes e severos da agricultura em nossos climas, podem ser de grande proveito se forem occupados nos trabalhos suaves da industria manufactureira para o que é em extremo apta por seus habitos e indole, como ja dissemos. Uma protecção liberal do nosso governo, e nunca privilegios exclusivos concedidos as fabricas estabelecidas no paiz, seguida da redução total nos encargos da navegação (14) estran-

(14) A medida que imprimiamos estas nossas observações, lemos nos jornaes, uma resolução do Governo Im-

geira, que frequenta os nossos portos, tratão sem duvida alguma os metaes preciosos, que nos arrancarão em busca dos nossos generos coloniaes que não poderão totalmente comprar com os productos de sua industria; pois que o mundo não produzindo sufficiencia destes generos sem o Brazil, torna-se mais que provavel, que esta differença de producção será augmentada pelo curso dos acontecimentos, experiencia de utopias, que estão em progresso em outras partes.

Nós vimos no relatorio do Excel. Ministro da Fazenda, do anno financeiro de 1842 a 1845, que o valor das mercadorias importadas no Rio de Janeiro, provenientes dos Estados Unidos d'America do Norte, Alemanha, Austria (Trieste) e do Baltico é de Rs. 5.685,110\$195, e que o valor das exportações para taes paizes montão á Rs. 13,697:638\$505. quando o valor dos generos exportados para a Inglaterra é apenas de Rs. 3.920:629\$630, e ainda assim é certo, que com a excepção provavel do ouro e do pó, e moeda, no valor de Rs. 1,375:211\$520, conforme o mesmo relatorio; nada mais foi consumido na Inglaterra, pois é preciso notar, que os navios Inglezes, e outros, que são despachados para Cowes, só ali toção para receber novas ordens,

perial, em que reduzia a ancoragem á 900 réis, sem attention as toneladas, e nem a estada de navios em nossos portos. Esta tão sabia medida do Governo de S. M. animou-nos sobre maneira, dando nos a perceber claramente que o Sr. D. Pedro 2.<sup>o</sup> vêl com cuidado paternal sobre os destinos do nosso Commercio e Agricultura.

a seguirem para as praças do Norte da Europa, em busca de favoráveis notícias de melhor mercado; e se descarregão na Inglaterra, é meramente em depósito para reexportação depois de refinado o açúcar, ou mesmo em bruto, e assim augmenta indubitavelmente a exportação para aquelles paizes de Rs. 2,545,418 \$110, fazendo o valor total dos productos só exportados do Rio de Janeiro, para aquelles paizes Rs. 14,974,969 \$250, e deste modo nós vemos, que o valor das exportações só do Rio de Janeiro para os Estados Unidos, e Norte da Europa é consideravelmente maior, que o valor das importações; ao tempo que as importações da Gran Bretanha, sendo como são exclusivamente maiores, devem directa ou indirectamente ser pagas por mercaderias preciosas: seguindo-se daqui, que o Brazil para evitar a sua completa ruina, não tem á fazer mais do que pôr em acção toda a sua energia, para fabricar quanto possa, para assim obstar o augmento de importação de fazendas Inglezas, que são pagas á *ouro e prata*; e está bem visto, que senão fossem tão excessivas as importações Inglezas, e até cento por cento forçadas no mercado pelos negociantes Inglezes, as nações acima mencionadas haviam necessariamente remetter para o Brazil mercaderias preciosas, para pagar a maior parte dos seus supprimentos de productos coloniaes, em vez de deposita-los em Londres, como agora o fazem. Não se pense, que a diminuição dos direitos de importação, que deve sobrevir (o que não é certo, pois que o Brazil augmentará sempre em população) com o augmento da industria nacional não seja compensado com a

melhora do cambio; além do incalculavel benefício da moralidade, e augmento de fortuna de seus habitantes, que estão, por assim dizer, pela maior parte improductivos, e com as mãos postas pedindo ao governo *trabalho*, que esteja em harmonia com as suas faculdades.

Vimos de mais pelos mapps authenticos da Alfandega e Meza do Consulado da Bahia, que o valor das *importações* da Gran Bretanha no anno financeiro de 1842 a 1843 foi de Rs. 5,009:497\$000, e as *exportações* provavelmente consumidas na Inglaterra foram menos de Rs. 580:000\$000 em productos; e mais Rs. 684:159\$602, em oiro e prata; sendo por conseguinte o saldo contra esta Provincia pelo menos, de Rs. 4,429:477\$000, pagos aos Ingleses em metaes preciosos, directa, ou indirectamente. Durante este anno financeiro, o total da *exportação* para portos estrangeiros foi menos de Rs. 5.500:000\$000; e a *importação* montou á Rs. 8.650:835\$302; figurando nesta quantia Rs. 549:795\$157 de mercadorias de outras Provincias do Imperio. Que lastimoso quadro para o Brazil!! Elle è por certo digno da mais profunda e sèria meditação..!!

Se compararmos agora a Inglaterra com Hamburgo como freguez e consumidor, veremos, que não ha proporção daquella para este (15); por quanto em 1836 exportando para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão, Rio Grande, Santos

(15) Vide o Commercio (jornal) da Bahia de 5, e 6 de Agosto de 1844.

e outras Provincias do Imperio os diversos generos de sua costumada exportação na quantia de Rs. 2,870:000 $\mathcal{R}$ , importou do Brazil entre assucar, café, cacão, algodão, tabaco, &c. a quantia de Rs. 8,691:000 $\mathcal{R}$ . Em 1837 a exportação para o Brazil foi do valor de Rs. 2,705:000 $\mathcal{R}$ , e a do Brazil para Hamburgo subio á Rs. 8,441:300 $\mathcal{R}$ . Em 1838 recebeu o Brazil de Hamburgo Rs. 2,520:000 $\mathcal{R}$ , e mandou para ali Rs. 8,218:000 $\mathcal{R}$ . Em 1839 recebeu Rs. 3,010:600 $\mathcal{R}$ , e mandou 9,692:900 $\mathcal{R}$ . Em 1840 recebeu Rs. 2,660:000 $\mathcal{R}$ , e mandou Rs. 9,307:000 $\mathcal{R}$ . Em 1841 recebeu Rs. 2,856:000 $\mathcal{R}$ , e mandou 8,689:800 $\mathcal{R}$ . E a Inglaterra? Em 1839 exportou para o Brazil o valor de Rs. 25,049:500 $\mathcal{R}$ , em 1840 o valor de Rs. 24,814,370 $\mathcal{R}$ , e a sua importação é diminuta, em proporção ao que manda para o Brazil!

Consta-nos, que vai ser apresentada á futura Assembléa Geral Legislativa do Brazil, como uma prova de melhores sentimentos da parte da Inglaterra, a respeito do Brazil, a redução do direito do café de 8 á 6 pennys por libra, que é um direito de Rs. 7 $\mathcal{R}$ 680 por arroba, pouco mais ou menos, ou trezentos por cento no custo primario; e se assim acontecer, o que poderemos então pensar dos Estados Unidos da America do Norte, que admittem o nosso café sem direito de qualidade alguma, e que consomem quaze a metade da colheita deste genero de cultura Brasileira; consumo este, que muito tem animado aos nossos fa'endeiros. Se um direito de 50 por cento é reputado quaze ao equivalente á prohibição total d'uma mercadoria; e como

classificar outro de trezentos por cento? Com semelhantes direitos, é que querem persuadir-nos, que o consumo na Inglaterra ha de augmentar.

Assim não é crível, porque muito confiamos no Corpo Legislativo, que o Brazil com a experiencia passada, e no estado actual de miseria, permita de novo o sacrificio dos seus melhores interesses, e que ainda se fie, como aconteceu a Portugal, nas theorias dos assalariados publicistas Inglezes, que quando escrevem é injuriando os outros, ou das finuras dos diplomatas Britannicos, que tem por fim o prejuizo das outras nações, em favor da sua, que continua e continuará sempre inviolavelmente com o seu systema altamente *protector*.

O Brazil para ser feliz não tem necessidade de tractados com nação alguma, pois basta somente proteger a agricultura, animar a industria manufactureira, libertar o commercio, e franquear seus portos ao mundo intero.

O Brazil não precisa dos favores da Inglaterra, e se em algum a quizer occupar, vem á ser o de o *deixar em paz*; e este mesmo se fôr offerecido por ella, elle o deve recusar, porque tem em si *ponta*... que o prejudicaria. Já que o tempo, que o teve prezado a Inglaterra se acabou, deve agora o Brazil começar uma Era nova, principiando por um systema *protector* ás fabricas, e colonização; offerecendo toda a protecção aos estrangeiros industriosos; animando a navegação estrangeira, para que frequente os portos do Imperio com a redução total dos encargos, que prezentemente pagão: verá em breve que as suas produções não são somente exporta-

das com ajudas de—Tractados Reciprocos;— ellas serão procuradas em seos portos sem esse *engodo specioso*, que só serve para engodar o Brazil, e mais alguns estados, que como elle se tem deixado enganar; e no caso de se fazerem taes tractados, ao menos seião feitos de maneira á não inhabilitar o Imperio de seguir a norma da politica, que os seos interesses exigirem; e que sem duvida os Brasileiros devem ser os unicos-juizes.

FIM.

A grande pressa na publicação da presente Memoria não dando tempo a uma completa correcção nas provas, os leitores relevarão os erros que tẽhão escapado.